



NO 1º DE MAIO

PROFESSOR  R

PRESENTE!!

Pela valorização
do trabalho docente

AduFRJ
PROFESSORES DA UFRJ

ATERRO DO FLAMENGO (altura da Rua Silveira Martins)

10h

EDITORIAL

CAR@ COLEGA,

DIRETORIA

Professor presente. Esse é o nosso mote para lembrar que nós, professoras e professores da UFRJ, estamos novamente nas ruas. No próximo domingo, Primeiro de Maio, data tão simbólica para cada um e cada uma de nós, que lutamos por dias melhores, estaremos no Aterro do Flamengo para reafirmar nosso compromisso com a democracia, a Educação e a Ciência, valores tão atacados pelo governo negacionista de Jair Bolsonaro.

Este ano, o Dia do Trabalhador é diferente. Já mais o trabalho acadêmico foi tão desvalorizado e agredido por um governo que flerta com a barbárie e humilha alunos e docentes. A universidade pública e gratuita forma os profissionais do futuro, produz pesquisas que implicam na melhoria de vida da população — como a busca por vacinas ou a tecnologia de extração de petróleo do pré-sal —, democratiza e amplia o acesso de milhões de jovens ao ensino superior, inclusive com a adoção da política de cotas. Ainda assim, a gestão Bolsonaro insiste em atacar as universidades, cortar os recursos, interferir na escolha de reitores, boicotar a Ciência e asfixiar nossos salários, defasados em mais de 40%, segundo o Dieese.

Não vamos nos aquietar. Seguiremos ocupando



as salas de aula e as praças do país, com alegria, resistência e conhecimento. Os servidores públicos federais exigem um reajuste de 19,99%, que corresponde à inflação dos três primeiros anos do governo Bolsonaro. Mas sonhamos com muito mais do que um salário decente. Queremos resgatar a esperança de um Brasil melhor, com mais universidades, mais Educação e mais Cultura. E com democracia, sempre. Para todos, todas e todes.

Participe! Vamos juntos mostrar a importância do trabalho docente no domingo, Primeiro de Maio, no Aterro do Flamengo, na altura da Rua Silveira Martins. A AdUFRJ montará uma barrquinha com o nosso jeito de fazer sindicalismo, nossos materiais, café fresco, bolo, política e abraço. Venha com a gente!

CONVÊNIO

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrj.org.br.

RIO DE JANEIRO



MAPLE BEAR TIJUCA



MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC

Psicare PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS

MACAÉ



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA

RIO DE JANEIRO E MACAÉ



INSPIRE ENERGIA SOLAR

AdUFRJ 43

1979 · 2022 / ANOS

■ **A ADUFRJ CELEBRU NESTA SEMANA 43 ANOS DE EXISTÊNCIA** em defesa da democracia, da universidade pública e dos direitos dos professores da maior federal do país. Fundada em 26 de abril de 1979, ainda durante a ditadura militar, a associação docente jamais hesitou diante das grandes lutas. “Na criação da AdUFRJ, a universidade pública era trincheira de resistência. A grande motivação daqueles primeiros tempos do movimento docente organizado foi a conquista, em 1980, de uma carreira do Magistério Superior”, afirma o presidente da AdUFRJ, professor João Torres. Mais de quatro décadas depois, os desafios são distintos, mas a importância da entidade permanece viva. “Hoje temos que repensar a universidade diante do avanço das forças conservadoras no Brasil e a AdUFRJ é cada vez mais necessária”, completa João.

QUE TIRO FOI ESSE?

■ A Polícia Federal investiga o disparo de uma arma pelo ex-ministro da Educação Milton Ribeiro, no aeroporto de Brasília, no dia 25. Estilhaços da bala feriram uma funcionária de companhia aérea. Ribeiro contou ter disparado acidentalmente, no momento em que retirava o carregador. O porte da arma foi obtido cinco meses após a posse no MEC.



PROFESSOR PRESENTE NO 1º DE MAIO

> AdUFRJ convida a comunidade acadêmica para a manifestação de domingo no Aterro do Flamengo. Haverá uma barrquinha do sindicato perto da rua Silveira Martins. Participe e valorize o trabalho docente

KELVIN MELO
kelvini@adufrj.org.br

Um dos espaços mais democráticos da cidade, o Aterro do Flamengo foi escolhido como palco da manifestação carioca do 1º de maio. A expectativa é que um grande público se junte aos usuais frequentadores do parque para o primeiro Dia dos Trabalhadores presencial desde o início da pandemia. Quase todas as centrais sindicais assinam a convocação do ato, marcado para as 10h de domingo, na altura da Rua Silveira Martins. A AdUFRJ estará lá.

O sindicato vai montar uma barrquinha para distribuição de adesivos e panfletos com o mote “Professor Presente no 1º de maio! Pela valorização do trabalho docente”. “A universidade forma diversos profissionais, produz pesquisas que implicam na melhoria da vida da população. É importante dar visibilidade a esse trabalho que, muitas vezes, não aparece para a sociedade”, explica a professora Ana Lúcia Cunha Fernandes, diretora da AdUFRJ. No local, também haverá distribuição de bolo e café para acolhimento dos professores.

A diretora convida todos os colegas para o ato. “O Dia dos Trabalhadores é um dia histórico de luta. Especialmente desde a redemocratização. Será o primeiro ao que se pode ir desde o início da pandemia e temos a expectativa de que volte a reunir bastante gente”, afirma. “É importante os professores participarem exatamente para manifestar nossa insatisfação com as condições de vida em geral no Brasil, com a situação da Educação e da Ciência. Também será uma manifestação em defesa de direitos e da democracia, francamente ameaçados por este governo”, completa.

Markos Klemz, diretor do Andes e professor do IFCS, concorda que o Primeiro de Maio representa uma oportunidade de mobilização contra o governo Bolsonaro. “Temos muito o que fazer este ano para mobilizar as ruas a derrotar o Bolsonaro. O Primeiro de Maio é um destes momentos, ainda no primeiro semestre, para aquecer esta mobilização”. O docente avaliou de forma positiva a escolha do Aterro para a realização do ato. “Entendo que foi uma escolha

certada para agregar os trabalhadores que estão no seu dia de lazer. É um lugar que concentra trabalhadores de todos os lugares. Não é só quem mora ali nas proximidades que vai ao Aterro”.

GOVERNO NÃO NEGOCIA

O descontentamento com a defasagem salarial é outro elemento que deve motivar uma participação maciça dos servidores públicos federais nos atos de domingo, em todo o país. O governo estuda conceder um reajuste de apenas 5% para todo o funcionalismo. E somente a partir de julho. O índice sequer repõe a inflação acumulada dos últimos doze meses: 11,30%, segundo o IPCA. “Os 5% estão longe de contemplar a reposição das perdas salariais dos últimos tempos. Não representam nenhum tipo de compensação”, completa outra diretora da AdUFRJ, professora Karine Verdoorn.

Os servidores exigem um reajuste de 19,99%, que corresponde à inflação dos três primeiros anos do governo Bolsonaro. Mas, até agora, o presidente não estabeleceu nenhuma negociação com as entidades dos servidores. Em protesto, o funcionalismo realizou manifestações nesta quinta (28), em todo o país, com destaque para uma marcha na Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

A passeata foi encerrada em frente ao Ministério da Economia. Mesmo com solicitação de audiência protocolada previamente, os servidores não foram recebidos mais uma vez. “Este governo, que vai para a grande imprensa falar em reajuste para os servidores e

aumento de auxílios, não tem nenhuma preocupação de colocar estas propostas no papel e dizer: ‘servidores, está aqui o que temos a oferecer’. E aí a gente vai discutir. Mas nem isso eles fazem”, criticou David Lobão, coordenador geral do Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (Sinasefe).



ATO EM SÃO PAULO

Em São Paulo, a manifestação do Dia Internacional dos Trabalhadores também deve atrair um grande público para a Praça Charles Miller (Pacaembu). Os organizadores do ato paulista acreditam que o local, que sediou o primeiro comício pelas Diretas Já, em 1983, pode

se tornar um marco na luta pelo “Fora, Bolsonaro”. O ex-presidente Lula confirmou presença. “Primeiro de Maio é um dia que a classe trabalhadora se reúne em todos os lugares do mundo para lembrar as lutas do passado e planejar as lutas do futuro. Aqui no Brasil, infelizmente, a situação é

muito grave”, diz Sérgio Nobre, presidente nacional da CUT. “Mais de um terço da população está desempregada ou no desalento. A fome e a miséria atingem milhões. Neste Primeiro de Maio, temos que fazer um grande ato para que o país mude de rumo”.

Filme do Observatório é lançado em Brasília e no Rio

> Produção que retrata as trajetórias de quatro mulheres cientistas inicia circuito de exibições que deve incluir escolas da rede básica e universidades. Documentário emociona e leva à reflexão

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Contar a história inspiradora de mulheres na Ciência para outras mulheres que inspiram com a sua atuação acadêmica, sindical e política. Assim foi o lançamento, em Brasília, do filme “Ciência: luta de mulher”, produzido pelo Observatório do Conhecimento. Cientistas, professoras da educação básica, representantes sindicais e do Congresso estavam na plateia. No Rio, o lançamento do filme aconteceu nesta sexta-feira (29), no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.

Vice-presidente da AdUFRJ e coordenadora do Observatório, a professora Mayra Goulart abriu o evento falando sobre o propósito do filme. “Queremos inspirar as jovens, a partir da história de quatro cientistas bem-sucedidas, a acreditar que elas podem ser cientistas também”, disse Mayra, que espera que o filme promova um amplo debate. “Nossa intenção é que em todo lugar que o filme for exibido haja um aprofundamento da discussão do aumento da presença das mulheres em lugares de poder”, explicou.

Para a professora, é importante que o filme seja exibido em escolas e universidades. “Enquanto idealizadora, acredito que

o documentário seja útil para mostrar que mulheres com diferentes origens, perfis e saberes podem ser cientistas. Eu defendo que a Ciência deva ser um espaço de diversidade, tanto nas trajetórias de seus ocupantes como em seus fazeres”.

Esse anseio foi compartilhado por algumas convidadas. “O filme é inspirador, é a materialização do ‘esperança’ de Paulo Freire”, elogiou a deputada federal Erika Kokay (PT-DF), que fez um paralelo entre a luta por espaço das mulheres na Ciência e na política. “O sexismo é estruturante, se expressa em vários segmentos da sociedade. A Ciência e a política são atividades de ressignificação e de transformação, espaços que precisam ser ocupados por mulheres”, defendeu a parlamentar.

A intenção do Observatório do Conhecimento é levar o filme às escolas de educação básica. Presente ao lançamento, a professora Vilmaria do Carmo, coordenadora da Secretaria de Mulheres do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF), apoiou a ideia. “Fazendo o circuito do documentário, nós vamos ajudar a desconstruir barreiras, para que as nossas alunas possam de fato ter a liberdade de escolher que área da Ciência querem abraçar como carreira”, disse.

Para Vilmaria, o filme passa a



MAYRA GOULART (primeira à direita) idealizou o documentário

uma mensagem com muita tranquilidade. “Adorei. Me emocionei várias vezes. Acho que nossas alunas e alunos vão gostar muito”. Ela ainda fez um paralelo entre a Ciência e o sindicalismo como espaços de luta. “O movimento sindical também é um espaço difícil para nós [mulheres] ocuparmos. Mas hoje, graças à luta das mulheres que me antecederam, é mais fácil. Tenho que reconhecer a luta delas. É uma luta permanente, ela não se encerra”, explicou a professora.

O evento abriu espaço para outras mulheres falarem sobre seus trabalhos. Foi o caso das professoras Roseany de Vascon-

celos Vieira Lopes e Mônica Cristina França, responsáveis pelo projeto “Elas na Engenharia”, que realiza palestras e atividades para alunas do ensino médio, incentivando o acesso das estudantes às carreiras de Ciências exatas. O projeto foi desenvolvido a partir de um estudo que detectou o alto índice de abandono de mulheres dos cursos de Engenharia do campus do Gama da UnB, onde Roseany leciona. Mônica é professora do ensino médio em uma escola da rede pública do Gama.

“Nosso objetivo é atrair as meninas, dizer para elas ‘a Engenharia é para vocês também’,

e desmistificar essa ideia de que cursos de Engenharia são só para homens”, explicou Roseany. Ela acredita que a associação do filme com os trabalhos do “Elas na Engenharia” pode enriquecer a experiência das jovens alunas do ensino básico. “Acho que pode estimulá-las ainda mais, porque elas vão ver no filme exemplos muito diversos de mulheres que atingiram o objetivo que almejavam e se tornaram cientistas brilhantes”.

Presente ao lançamento, a antropóloga e professora emérita da UnB Lia Zanotta Machado, estudiosa dos fenômenos de gênero, feminismo e violência contra a mulher, exaltou a iniciativa. “Nos dias de hoje, é absolutamente fundamental discutir a Ciência no Brasil em geral e a questão das mulheres”. Ela explicou como o ensino superior era interditado às mulheres, a quem eram reservados os papéis de cuidar da casa e da família, e citou exemplos de mulheres que foram pioneiras na educação superior em áreas como a Medicina e o Direito.

“Gostei muito do filme porque ele apresenta a trajetória de mulheres de diferentes idades, raças e profissões de uma maneira muito nítida, mostrando todo o seu trabalho e desejo de sucesso profissional. E também porque aparecem as suas dificuldades e suas diferenças”, avaliou Lia.

DEVA GARCIA/SINPRO DF

Comunidade da Praia Vermelha vive dias de medo

> Relatos de furtos de celulares e arrastões no entorno do campus dominaram a cena nas primeiras semanas de aula e causaram pânico em estudantes. PM prometeu reforço na vigilância

ESTELA MAGALHÃES
E SILVANA SÁ
comunica@adufrrj.org.br

Os furtos de celulares aumentaram 280% em março de 2022, em comparação com o mesmo período do ano passado, na região de Botafogo e Urca, segundo dados do Instituto de Segurança Pública (ISP) do Rio de Janeiro. Foram 190 ocorrências contra 50 em março de 2021. Roubos a transeuntes, ou seja, a pessoas que se deslocam a pé, cresceram 100% e passaram de 34, em março de 2021, para 68, em março deste ano. Os dados de abril ainda não estão consolidados, mas a comunidade acadêmica da Praia Vermelha sentiu na pele o aumento desses crimes.

Nas primeiras semanas do retorno das aulas presenciais houve relatos de assaltos e arrastões nas ruas que contornam o campus, sobretudo na Avenida Venceslau Brás. Raíssa Rocha, aluna de Relações Internacionais, foi uma das vítimas. Já era noite e chovia quando ela esperava o ônibus com um grupo de aproximadamente oito pessoas no ponto próximo à saída do campus. “Parou um ônibus na nossa frente e saltaram três pessoas. Duas vieram para cima de mim, levaram a minha bolsa

com absolutamente tudo: carteira, material da faculdade, caderno, perdi tudo”, contou. O curso é noturno, e as ocorrências são à noite em sua maioria. “Eu já estou com medo de andar por lá, justo na porta da minha faculdade. É assustador”, completou.

Sam Veras, outro estudante do curso de Relações Internacionais, presenciou o caso, mas conseguiu escapar sem perdas. “Na hora demorei a perceber, só quando um amigo gritou para correr que eu entendi que se tratava de assalto. Mas até isso acontecer eu já estava correndo. Dois amigos correram de volta para a Praia Vermelha e as outras pessoas fugiram no sentido Urca e depois atravessaram no sinal”, relatou.

“Agora estou voltando de Uber sempre. Acabo gastando bem mais dinheiro e fico afrita todos os dias antes de ir para a faculdade”, contou outra estudante de Relações Internacionais, que tem medo de se identificar. “Isso tem afetado muito meu rendimento em geral. Desde que as aulas voltaram e eu presenciei os assaltos, a minha saúde mental piorou muito, noto que eu estou bem mais estressada e não consigo mais focar em nada durante o dia”.

Pelas redes sociais, outros alunos relataram episódios semelhantes, com roubos inclusive

“Parou um ônibus na nossa frente e saltaram três pessoas. Duas vieram para cima de mim, levaram minha bolsa com tudo”

RAÍSSA ROCHA
Aluna de Relações Internacionais

dentro de coletivos. Os casos, infelizmente, não são novidade. Uma dessas abordagens terminou em tragédia. Em 2015, o estudante Alex Schomaker Bastos, de 23 anos, foi assassinado em uma tentativa de assalto em frente ao campus, do outro lado da rua. Os dois criminosos que estavam em uma moto fugiram, mas foram depois capturados e condenados por latrocínio.

Flávio Alves Martins, decano do CCJE, recebeu reclamações e relatos das ocorrências. “Por ser uma área externa, a gente precisa ter esse diálogo com as forças de segurança da cidade e do estado”, diz. O assunto também foi debatido em reunião do Conselho de Coordenação do CCJE, na semana passada. “É uma realidade que parece estar aumentando em toda cidade, não é uma questão só de

polícia. A gente precisa saber o que pode ser feito também pelo estado para dar condições minimamente dignas para que as pessoas não abracem essas práticas criminosas como solução de vida”, completou o professor.

A 10ª DP (Botafogo) é a responsável por investigar ocorrências na região. O inspetor-chefe da delegacia, Johnny Deckers, reconheceu que aumentaram os registros de furtos e assaltos. “Ainda não temos as informações consolidadas do mês, mas houve aumento dos casos”, relatou. “Temos nos empenhado em reprimir essa atuação criminosa e conseguimos recuperar muitos aparelhos roubados”, afirmou o policial. “Nosso foco de atuação é identificar os receptadores. Hoje mesmo (quinta-feira, 28) já identificamos dois endereços pela localização dos aparelhos”.

O inspetor aconselhou não reagir a uma abordagem e reforçou que a principal medida a ser tomada pela vítima é registrar a ocorrência para que as investigações aconteçam. “Quando temos a informação completa, conseguimos oficializar a operação, que nos passa todas as informações assim que aquele aparelho é religado para uso. Os furtos de celulares acontecem sobretudo porque existem pessoas que compram esses aparelhos roubados”.

Raíssa Rocha, nossa primeira

personagem desta reportagem, registrou queixa no dia 15 de abril, na 10ª DP. A assessoria de imprensa da Polícia Civil informou que “as investigações estão em andamento para identificar e localizar os autores do crime”.

Em reunião com representantes do 2º Batalhão de Polícia Militar, responsável pelo policiamento ostensivo da região, André Maximiano, subprefeito da Praia Vermelha, e Robson Gonçalves, assessor de Segurança da Prefeitura Universitária, solicitaram um aumento da patrulha na localidade. Uma viatura e duas motos vão rondar o entorno do campus. André destaca outras medidas que estão sendo tomadas para garantir a segurança também do lado dentro dos muros. “Nós já abrimos o processo para comprar mais refletores para iluminar o campo (de futebol) e em torno do Palácio, para diminuir a sensação de insegurança”, explicou.

O 2º Batalhão confirmou que houve aumento dos registros em abril, mas os números só serão consolidados na próxima semana. Uma viatura já está permanentemente estacionada na calçada do campus. Já a Guarda Municipal do Rio de Janeiro e a Secretaria Municipal de Ordem Pública informaram que as instituições não têm previsão de ampliar suas atividades no local.

DIRETORES DA ADUFRJ AMPLIAM REDE DE ARTICULAÇÕES COM O CONGRESSO

Os professores Mayra Goulart e Ricardo Medronho, diretores da AdUFRJ, estiveram na Câmara dos Deputados, na última quarta-feira (27), para apresentar a parlamentares as ações do Observatório do Conhecimento programadas para este ano. Chamou bastante a atenção dos deputados o monitoramento do Orçamento do Conhecimento que é realizado pelo Observatório. Entre 2015 e 2021, as perdas acumuladas são de R\$ 83,8 bilhões e podem chegar a R\$ 100 bilhões em 2022. Um monitor com os dados detalhados dos cortes orçamentários está em fase de elaboração.

O deputado federal Zé Neto (PT-BA), vice-líder do PT, ouviu com bastante atenção a explicação do grupo e concordou com a importância do investimento em pesquisa para o país. Citou como exemplo a Embrapa como motor do crescimento da produtividade agrícola do Brasil. Para ele, a fer-

ramenta desenvolvida pelo Observatório servirá para orientar ações legislativas em defesa da Ciência e Tecnologia, e que o tema também deve ser de interesse de deputados da Comissão de Desenvolvimento Econômico. A expectativa é que haja uma audiência pública com as comissões de Educação e Desenvolvimento Econômico para discutir os dados do Orçamento do Conhecimento.

Na conversa com o deputado Professor Israel Batista (PSB-DF), o tema principal foi a pesquisa sobre liberdade acadêmica feita pelo Observatório, cujo informativo com os dados finais está em fase de conclusão. Ele acredita que os resultados apresentados pela pesquisa poderão ser usados em uma discussão no Parlamento sobre liberdade de cátedra, democracia e direitos humanos. O deputado propôs ao grupo que o resultado dessa pesquisa e os dados do monitor do Orçamento

do Conhecimento sejam apresentados em uma audiência pública que discuta também a fuga de cérebros do país.

Já a deputada Maria do Rosário (PT-RS) tratou especialmente do documentário “Ciência, luta de mulher”. A proposta do Observatório é que o filme seja exibido em uma sessão especial da Câmara. Ela apoiou a ideia de exibir o filme em escolas pelo Brasil e fez uma defesa da maior presença de mulheres na Ciência e na política. A deputada também sugeriu que o documentário seja exibido nas universidades federais gaúchas, como UFRGS, UFPel e UFSM. Já a deputada Alice Portugal (PCdoB-BA) sugeriu que a exibição do filme faça parte das atividades de entrega do Prêmio Amélia Império Hamburger, criado em 2021, e que será concedido pela Câmara a três cientistas que tenham se destacado por suas contribuições para a pesquisa científica.



MAYRA E MEDRONHO estabeleceram contatos com parlamentares

Mayra e Medronho também acompanharam a instalação da Comissão de Educação da Câmara e conversaram com alguns dos deputados presentes à sessão. Os representantes do Observatório cobraram do novo presidente da comissão, Kim Kataguiri (União-SP), uma postura republicana em defesa das universidades. O deputado, por sua vez, se comprometeu a agir com rigor na fiscalização do Executivo.

Na terça-feira (26), a comitiva do Observatório foi recebida pela presidente do PT, deputada federal Glesli Hoffmann (PT-PR), que

sugeriu a sessão solene na Câmara para a exibição do filme e se dispôs a participar do lançamento do documentário no Paraná, e pelo líder do partido na Câmara, Reginaldo Lopes (PT-MG). Ainda na terça-feira, o Observatório do Conhecimento recebeu o deputado Bohn Gass (PT-RS) em sua reunião periódica de planejamento. O parlamentar fez uma análise da conjuntura, respondeu a perguntas sobre o cenário político na Câmara neste ano eleitoral e colocou-se à disposição para discutir projetos que defendam a Ciência e as universidades. (Lucas Abreu)

LUCAS ABREU

QUEM É O DONO DOS BURACOS?

Quem chega de carro ao Fundão vindo das zonas Sul e Oeste enfrenta quase um rali. Uma sequência de crateras na pista, algumas bastante profundas, torna a direção muito perigosa na entrada 3, que passa ao lado do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN). A área fica bem antes do pórtico da UFRJ e logo depois das alças de acesso da Linha Amarela.

A Prefeitura Universitária diz que o trecho pertence à Lamsa (empresa que administra a via expressa) e que fez insistentes comunicações solicitando o reparo da via. “Nunca tivemos qualquer retorno”, afirma o prefeito Marcos Maldonado. A reportagem procurou a assessoria de imprensa da concessionária. Depois de pedirem fotos e a indicação do local dos buracos, a Lamsa respondeu por nota que o trecho não pertence à sua área de concessão.

A Secretaria Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura do Rio não respondeu às questões até o fechamento desta edição.



SILVANA SÁ

PERIGO: crateras na pista elevam risco de acidentes no acesso ao Fundão

Para onde vão a Ciência, tecnologia e inovação do Rio?

> Projeto de lei em tramitação na Assembleia Legislativa prevê criação de um sistema estadual de CT&I. SBPC propõe mudanças ao texto, que deve ser votado em junho

KELVIN MELO
kelvini@adufrrj.org.br

A comunidade acadêmica precisa ficar atenta a um projeto de lei em tramitação na Assembleia Legislativa do Rio. O PL 278/2019 pretende instituir um sistema estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação que pode impactar de forma decisiva o futuro da área, de seus profissionais e estudantes.

“Este projeto deveria ser mais discutido nas nossas universidades e institutos de pesquisa. É uma política de estado. Afeta professores, estudantes e mercado de trabalho para eles. Se a CT&I no Rio de Janeiro afundar, nossos alunos vão trabalhar onde?”, questiona o presidente de honra da SBPC e professor do Instituto de Física da UFRJ, Ildeu Moreira, que apresentou propostas de mudanças ao texto.

O PL apresenta um problema conceitual, segundo o docente. “O documento está muito voltado para uma visão estreita de inovação tecnológica, que não corresponde à realidade do Rio de Janeiro, que tem um parque de ciência muito forte”, afirma. As palavras “educação”, “meio



FOTOMONTAGEM

ambiente”, “saúde” e “pesquisa básica” aparecem pouco ou sequer aparecem, exemplifica Ildeu. “Estamos discutindo um sistema estadual de ciência, tecnologia e inovação. Não é somente um sistema estadual de inovação”, completa.

Outra preocupação é com o orçamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. O PL diz que a Faperj poderá destinar, anualmente, 30% de suas receitas

A preservação das receitas de um ano para o outro é um dos sonhos do presidente da Faperj e professor do Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ, Jerson Lima. “A situação atual atrapalha a gestão de programas importantes que duram três, quatro, até cinco anos. Claro que a gente consegue planejar um pouco, mas existe essa necessidade de perenizar os recursos na Faperj”. Neste sentido, o docente aprova a regulamentação do Fatec como um fundo financeiro, que não poderia ser “sacado” pelo governo. “No planejamento de um edital, ficaria sem a preocupação de executar todos os recursos em um só ano. Poderei depositar os recursos no Fatec e usar depois nessa ação”, explica. O presidente da Faperj só tem dúvida sobre o limite percentual de transferência de receitas da agência para o fundo, apresentado no PL. “Na minha experiência como gestor, poderia ser em torno de 20%”.

O PL ainda estabelece a criação de um conselho estadual de ciência, tecnologia e inovação, para formular as políticas do setor. Ele teria 17 integrantes: 5 secretários estaduais — o de Ciência e Tecnologia seria o presidente; dois representantes da

Faperj; três reitores das universidades estaduais (Uerj, Uenf, Uezo), além de mais sete nomes indicados livremente pelo governador (das universidades e institutos federais, de centros de pesquisa e do setor produtivo). Jerson argumenta que pode ser interessante para o estado ter uma instância para pensar estratégias de médio e longo prazos. “Existe o conselho da Faperj, mas ele fica, ao lado da diretoria, tratando de ações de curto prazo. Ao outro conselho não vai caber entrar no detalhe de um edital, como o Cientista do Nosso Estado, por exemplo. Ele cuidaria de questões macro”.

Jerson entende que o sistema pode ajudar o Rio, hoje ainda em regime de recuperação fiscal, a sair da crise. “Houve uma desindustrialização alta no país. É importante retomar essa industrialização, principalmente em áreas estratégicas, como o complexo industrial da saúde. O estado tem a economia muito dependente do óleo e gás”, afirma. “Em vez de estarmos num ciclo virtuoso, com investimento em pesquisa e desenvolvimento, gerando empregos, gerando produto com maior valor agregado, ficamos presos ao valor de commodities”, completa.

ADUFRJ DE OLHO

A diretoria da AdUFRJ está acompanhando o debate sobre o tema. O presidente João Torres já participou de duas reuniões na Assembleia Legislativa — a última delas, no dia 18 de abril, em uma audiência pública promovida pela Comissão de Ciência e Tecnologia.

“Esse sistema é fundamental, pois vai balizar as atividades de C&T no Rio. Terá impacto no financiamento e na coordenação da C&T no Rio”, explica.

O professor concorda com a avaliação feita pelo colega da SBPC. “Acho que o projeto é muito voltado para uma visão da inova-

ção como atividade nas empresas. Não somos contra isso, mas é necessário que a pesquisa básica seja contemplada e uma visão mais generosa da palavra inovação, uma visão mais humanística, com um viés social também”, diz.

A Comissão de Ciência e Tecnologia recebe sugestões para o

projeto até amanhã, 30 de abril, via WhatsApp, pelo celular (21) 99746-7030. A expectativa dos parlamentares é votar a nova versão do texto no plenário até junho, antes que a campanha eleitoral ocupe o centro político das atenções. Presidente da comissão, o deputado Waldeck Carneiro (PSB) anunciou a inten-

ção de dar à nova legislação, quando aprovada, o nome do professor Luiz Pinguelli Rosa, ex-diretor da Coppe, falecido em março deste ano. “Acho ótima a ideia da homenagem, mas, até por isso mesmo, a lei tem que ser muito boa”, conclui o presidente da AdUFRJ.

NOTAS

OPOSIÇÃO VENCE NO SINTUFRJ

A chapa 20, composta por uma frente de oposição à atual gestão do Sintufrj, conquistou 52% (1.625) dos votos válidos e venceu a disputa no primeiro turno contra a chapa 85, da situação, que recebeu 38,9% (1.217) dos votos válidos. Outros 9,05% (283 votos) foram destinados à chapa 10. Foram às urnas 3.235 pessoas entre os dias 18 e 20 de abril. Brancos e nulos somaram 110 votos. A posse está marcada para 25 de maio. “É um resultado histórico já que, desde 1991, eleições majoritárias não terminavam no primeiro turno. Nosso muito obrigado a cada um dos votos”, declarou em nota o grupo vencedor. Já a chapa 85 garantiu permanecer organizada, “lutando pelos interesses da categoria, em defesa da universidade pública e pela construção de um país mais justo e democrático”. A chapa 10 não se manifestou publicamente.

DINHEIRO NA CONTA DAS UNIDADES

A reitoria anunciou a liberação integral dos recursos do orçamento participativo — verbas que Centros e unidades podem utilizar para despesas cotidianas —, a partir da próxima semana. Tradicionalmente, as receitas eram distribuídas em duas ou três parcelas ao longo do ano. “Como o governo liberou 100% do limite de orçamento, estamos reproduzindo esta liberação para as unidades”, afirmou o pró-reitor de Planejamento e Finanças, professor Eduardo Raupp, em plenária de decanos e diretores realizada no dia 26. Ao todo, serão R\$ 18 milhões — sendo R\$ 2,5 milhões para investimentos — contra R\$ 8 milhões de 2021. Ano passado, não teve recurso de investimento porque foi cortado integralmente pelo governo Bolsonaro. O pró-reitor também informou que a universidade vai rediscutir a matriz de distribuição dos recursos do orçamento participativo, para aplicação em 2023. A atual partilha é baseada em critérios pré-Reuni. “Ou seja, não reflete toda a expansão da universidade, nem a pujança da pesquisa e da extensão”, completou Raupp.



ANA CLARA SCHMID/ASCOM ABC

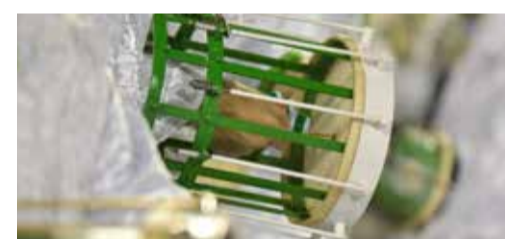
ILDEU RECEBE MEDALHA HENRIQUE MORIZE

O professor Ildeu Moreira recebeu a Medalha Henrique Morize em reconhecimento à trajetória em defesa e desenvolvimento da Ciência. A honraria, criada em 2014, foi concedida pela Academia Brasileira de Ciências. O nome da premiação é uma homenagem ao primeiro presidente da ABC, Henrique Charles Morize. “Um cientista com serviços muito relevantes para a ciência brasileira e um ídolo para todo físico”, afirmou Ildeu.

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

Um trabalho pioneiro em diversos aspectos e que só agora, 30 anos depois de sua concepção inicial como tese de doutorado, chega ao grande público. Demorou, mas está entre nós o livro Samba, sambistas e sociedade: um estudo etnomusicológico (Editora UFRJ), do professor (e instrumentista de mão cheia) Samuel Araújo, da Escola de Música da UFRJ. O lançamento no Rio será na próxima sexta-feira (6), na Livraria Folha Seca (Rua do Ouvidor, 37 — Centro).

Logo na introdução, o autor resume assim o seu trabalho: “Esta obra propõe pontos de apoio para uma história crítica do samba, no contexto do Rio de Janeiro, como um universo relacional fortemente referenciado na produção e na interpretação de canções, na execução de instrumentos e na dança”. Quem aí lembrou dos quesitos Harmonia, Bateria e Evolução julgados nos desfiles das escolas de samba, entendeu o recado. Não à toa o livro aborda as escolas de samba “como uma importante, mas não única, instância mediadora de investimentos coletivos e particulares que definem o mundo do samba”.



DESDE QUE O SAMBA É SAMBA



Livro do professor e pesquisador Samuel Araújo desvenda caminhos e propõe bases para a construção de uma história crítica do nosso mais genuíno gênero musical



livro, novos estudos surjam a partir dele, sobretudo no campo da etnomusicologia. “Não havia até então nenhum trabalho nesse campo trazendo o samba como personagem principal. Relacionando, por exemplo, as sonoridades oriundas da diáspora africana com a literatura africanista sobre música. Isso nunca havia sido tentado até então. E também foi pouco estudado depois disso. O principal esforço é trazer um conceito, o do trabalho acústico, para a discussão da música. Não me coloco como especialista em samba. Minha ambição é contrapor história e etnografia. E se o livro trouxer essa contribuição e puder influenciar outros trabalhos, ficarei feliz”, diz Samuel. E por falar em contribuição, Samuel foi um dos fundadores, em 2001, na UFRJ, da Associação Brasileira de Etnomusicologia.

O livro se divide em cinco capítulos. O primeiro trata das perspectivas críticas sobre o samba de seus registros iniciais — desde o lançamento em disco, em 1917, de “Pelo telefone”, considerado o primeiro samba gravado — até 1990. O segundo aborda o samba como formação acústica.

O terceiro é dedicado às escolas de samba. Já o quarto mergulha no trabalho acústico das baterias das escolas, em especial a Furiosa, do Salgueiro. Por fim, o quinto capítulo fala dos compositores e seus sambas, analisando os sambas de quadra (ou de terreiro), os sambas-enredo e o partido-alto. As ilustrações do livro são de Guilherme Sá, aluno de doutorado de Samuel e integrante da ala de compositores da Mangueira.



O trabalho de campo, junto ao dia a dia do Salgueiro e aos compositores, com entrevistas e observação participante, foi o mais prazeroso para o autor. Samuel teve agradáveis conversas como figuras do naipe de Noca da Portela, Mestre Louro, Nelson Sargento e Djalma Sabá. Com este último, inclusive, chegou ao ápice do conceito de observação participante, pois Samuel literalmente mergulhou no cotidiano do primeiro diretor de bateria do Salgueiro, entre subidas ao morro da Tijuca e incursões ao local de trabalho do compositor, um ponto de bicho do qual ele era apontador, no Largo da Segunda-Feira.

Entre tantas conclusões — e novas indagações —, Samuel confirmou com esse trabalho que o samba, que já foi tão perseguido, ganhou legitimidade, mas ainda sofre discriminação. “Ele é reconhecido como música brasileira, inclusive com repercussão fora do país. Mas os demarcadores fundamentais, como o racismo, continuam a operar. E o que acontece com o samba aqui, acontece também na Índia, na China, no Oriente Médio, na Austrália. Sou assessor de um projeto no Japão cujo foco é um grupo discriminado que faz música com percussão — e isso há 2.000 anos”, diz o autor, que dá aulas na graduação e na pós-graduação da Escola de Música, além de ser colaborador na pós-graduação da Unirio. Ah, sim! De quebra, canta e toca violão em rodas de samba pela cidade.

Artigo

CLÁUDIO RIBEIRO

Professor, membro do Conselho de Representantes da FAU-UFRJ. Ex-presidente da AdUFRJ



O que faz uma pessoa ser professora? Talvez o desejo de estar em sala de aula, presencialmente, junto com estudantes. Um desejo tão forte que faz valer a pena lutar para que ele aconteça.

E não é que os corredores voltaram a ficar cheios de gente lá na FAU, Eunice? A estudantada chegou animada com suas conversas e encontros que reocuparam as salas de aula tal como a gente queria... Ou nem tanto assim, pois ainda estamos sem uns três ou quatro andares, perdemos os pixos e os grafites do pilotis, uma monotonia só, mas essas coisas da branquitude a disposição da rapaziada vai resolver com o tempo.

Sabe Eunice, tem colegas novas chegando, professoras e professores que a gente conhecia apenas pela tela estão vivendo de forma plena o exercício da docência em universidade pública... Bom, talvez de forma nem tão plena assim; a pandemia segue impondo as máscaras e dar aula fica assim meio esquisito, muito olho-no-olho com uma certa gritaria de garganta seca. Mas também é só questão de tempo, pelo menos este vírus está enfraquecendo e em breve as máscaras vão cair; refiro-me a essas que escondem os nossos sorrisos e que podem estar com os dias, ou semanas, contados.

Veja bem, amiga, agora o governo inventou que vai dar aumento para a gente. Cinco por cento! A galera nem quis fazer greve, mas o ministro preferiu não arriscar e anunciou essa miséria como se fosse o máximo. Não vai cobrir nem a inflação do carnaval e a nossa carreira vai prosseguir corro-



Sabe Eunice, tem colegas novas chegando, professoras e professores que a gente conhecia apenas pela tela estão vivendo de forma plena o exercício da docência em universidade pública... Bom, talvez de forma nem tão plena assim; a pandemia segue impondo as máscaras e dar aula fica assim meio esquisito, muito olho-no-olho com uma certa gritaria de garganta seca.

ída. E aí não é só questão de tempo, né? Só com luta pra resolver mesmo, mas vai chegar aquele dia em que a galera vai acordar, ou, talvez, quem sabe, o dia seguinte...

Olha Eunice, a estudantada está sedenta por aula, mas também está com fome de conversa, de apoio, de incentivo, de carinho, de presença. Mas eu acho mesmo é que estão à sua procura. Mesmo quem nunca te conheceu. Procuram uma pessoa que soube ser professora porque entendia o mundo, porque explicava o mundo, mas também porque o acolhia. O que eu acho que as pessoas querem é encontrar um sorriso seguro como o seu ali no prédio... Mas isso o tempo não vai resolver, né, e eu nem sei ainda como explicar para as turmas o tamanho da

ARQUIVO PESSOAL



sua ausência.

Talvez o jeito mais fácil seja falar do tamanho de sua presença. Explicar o sentido da sua camaradagem, contar sobre a disposição que você tinha para enfrentar com sorriso os problemas medonhos. Mas como definir a disponibilidade irrecusável que você tinha para recarregar a nossa energia com os abraços que traduziam da melhor maneira a ideia de solidariedade?

Falar de você não vai bastar. Contar das suas lutas no sindicato, das suas caminhadas ombro a ombro nos infinitos atos nas ruas e praças desse país, da sua indignação permanente com qualquer tipo de injustiça que estivesse à vista, da sua trajetória nas universidades que foram tão atingidas pelas repressões de Brasília ao Rio de Janeiro... Escrever este e outros textos também não bastará, refazer sua trajetória de saberes, de construção, de cálculos humanos, dos aconselhamentos constantes de vida saudável, da solidariedade com suas colegas e companheiras. Não bastará!

A solução para essa falta foi você mesma que nos apresentou, companheira. O que precisamos fazer não é nada mais senão praticar aquilo que você tanto nos ensinou com seu exemplo: encontrar no exercício da lealdade uma inspiração para sorrir dos problemas que enfrentamos e, ao mesmo tempo, manter de forma tranquila e suave a certeza de que o trabalho coletivo é a maneira mais agradável e realizadora de ações transformadoras e encantadoras.

Colegas da FAU, da UFRJ, do Andes-SN, foram tantas as mensagens de todo o Brasil que recebemos, de docentes de várias seções sindicais, de estudantes de várias gerações da FAU, depoimentos de como foste fundamental para a formação de umas pessoas, ou para a continuação de estudos de outras, enfim, uma infinita demonstração de solidariedade, coragem e humanidade...

Eu hein, Eunice! A gente não queria se despedir. A gente não queria essa paz da separação. Estamos em tempos de guerra. Mas, respirando fundo, e com a ajuda do tempo, a gente entende que sua saída também se faz como um gesto solidário, para lembrar a todo mundo que a vida também produz saudade e memória, mas para isso ela tem que ser vivida "senão chega a morte ou coisa parecida".

E essa escrita toda me faz repensar que, afinal, o que faz de uma pessoa ser uma professora, na verdade, é a sua capacidade de produzir um desejo nos estudantes e colegas de estar em sala de aula junto com você. É isso que sempre sentimos, e nós continuaremos.

Eunice, presente!

PRESENCIALMENTE EUNICE.